

***IV Jornadas de História da Historiografia***  
**«Os periódicos e a Historiografia: as revistas como objecto e fonte»**

**CITCEM/FLUP**  
**Porto, 03 de Maio 2018**

\*

**CONFERÊNCIAS**

**Título:** «Contributo ao levantamento e sistematização das obras historiográficas portuguesas sobre jornalismo», por Jorge Pedro Sousa;

**Sinopse:** este trabalho, baseado em pesquisa bibliográfica e em análise documental descritiva, apresenta, sinteticamente, as obras dedicadas à história do jornalismo publicadas em Portugal por autores portugueses até à actualidade. Foi objectivo da pesquisa resgatar para a memória colectiva obras ensombradas pela marcha do tempo. Mostra-se que as histórias do jornalismo em Portugal, começadas a publicar, como noutros países, no século XIX e princípios do século XX, se dividiram por várias categorias, tais como, entre outras: histórias biográficas; história do jornalismo regional e local; história da imprensa; história do jornalismo colonial; história dos jornalistas. Conclui-se, face a esses dados, que os historiadores portugueses do jornalismo elegeram por objecto de estudo as personagens ou os objectos que lhes estavam próximos e eram acessíveis. O autor considera que entre as obras mais relevantes, duas delas merecem particular atenção: *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa*, de Alfredo da Cunha (1941), obra assinalável pelo seu pioneirismo e por avançar com dados factuais amplamente citados, por vezes ocultando a origem, em obras posteriores; e *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, de José Manuel Tengarrinha (1965, reeditada em 1989), obra que ainda hoje é a mais representativa da historiografia portuguesa sobre jornalismo, sendo um dos trabalhos historiográficos que representa, em Portugal, o abandono das teses oitocentistas da historiografia positivista em favor de uma concepção mais complexa e multidimensional da História.

**Síntese Curricular:** Jorge Pedro Sousa (jpsousa@ufp.edu.pt) é professor catedrático de Jornalismo na Universidade Fernando Pessoa e investigador do IC.NOVA, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa. A sua investigação mais recente enquadra-se na análise histórica e cultural do discurso jornalístico em Portugal, datando o seu último livro de 2017, sendo intitulado *Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal: Um Contributo para uma História das Revistas Ilustradas Portuguesas (1835-1914)*.

\*

**Título:** «As Revistas como Fontes, Objectos de Estudo e “Laboratórios” de Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais e Humanas: abordagem ao problema através de estudo de caso, *Pela Grei. Revista para o Ressurgimento Nacional pela Formação e Intervenção de uma Opinião Pública Consciente* (Lisboa, 1918-1919)», por Álvaro Costa de Matos;

**Sinopse:** antes de “mergulhar” literalmente na *Pela Grei. Revista para o Ressurgimento Nacional pela Formação e Intervenção de uma Opinião Pública Consciente*, publicada na capital, em 1918 e 1919 – revista que, neste estudo de caso, é, simultaneamente, fonte, objecto de estudo e “laboratório” de interdisciplinaridade –, começo esta comunicação com algumas considerações teóricas sobre as próprias revistas e a sua importância indelével para a História Contemporânea de Portugal. Desde logo, porque nelas também encontramos os factos que fazem mover a roda da História e, conseqüentemente, nos permitem reconstituir o passado recente nas suas múltiplas valências temáticas. Depois, porque foram um palco privilegiado de polémicas literárias e políticas, de acesos e provocadores debates de ideias e preconceitos; antecipadoras na teorização e surgimento de novos movimentos políticos, literários, artísticos e filosóficos que abanaram e desconstruíram as velhas escolas e hierarquias sociais e culturais existentes; “despertadores” de sociedades políticas e culturalmente anquilosadas e “adormecidas num sono profundo” que urgia acordar; órgãos de novas gerações que varreram a inércia, a “paz dos cemitérios” e a abulia prevalecente; arquivos de colaboração literária, cultural, ensaística e artística de vulto e depurada; “rampas de lançamento” para auspiciosas e bem-sucedidas carreiras políticas, jornalísticas, literárias, artísticas, diplomáticas e mesmo económicas; “embriões” seriados de livros, independentemente do género literário dado à estampa; “ateliês” de paraliteratura e de projectos literários, políticos ideológicos disruptivos ou fracturantes. Finalmente, porque as revistas assumiram, não raras vezes, o papel de contrapoder, de recusa do *status quo* e até mesmo de contrapeso político, e que, em certos períodos ou épocas da História Contemporânea Portuguesa, tiveram que lutar com a censura, com o famoso “lápis azul”, numa espécie de jogo de “brincar ao gato [o censor] e ao rato [o censurado]”. Tal como os jornais (para não falar da literatura, do teatro e, um pouco mais tarde, do cinema), as revistas sofreram as investidas da censura durante a o Pombalismo, a Monarquia Constitucional, embora aqui episodicamente, mas sobretudo durante a I República, a Ditadura Militar e o Estado Novo. Após este exercício mais teórico, “mergulharei” então para a revista *Pela Grei* propriamente dita: contextualizando historicamente o seu surgimento; entrando depois no seu miolo para conhecer quem foi o seu director e os seus colaboradores literários e ensaísticos, destacando os mais regulares e profícuos; problematizando o seu “programa” no quadro político da época, neste caso caracterizado pela “crise portuguesa” (não debelada pela I República e agravada pelos encargos e dificuldades impostos pela guerra) e pela política “nacional” e regeneradora prometida pelo golpe de Dezembro de 1918 (que derrubara o governo monocolor democrático de Afonso Costa); conhecendo e interpretando analiticamente suas novas propostas e posicionamento político-ideológico; e, por último, recorrendo à ajuda da Ciência Política para descortinar que tipo de sistema, regime ou projecto político a revista *Pela Grei* preconizava para uma sociedade que ainda não adivinhava que iria entrar nos “loucos anos vinte”.

**Síntese Curricular:** Álvaro Costa de Matos, nasci em Nampula (Moçambique) no dia 22 de Março de 1969, tenho dupla nacionalidade (o que é, passe a redundância, uma dupla vantagem), e vivo em Lisboa há precisamente 30 anos. Presente: sou licenciado em História, pós-graduado em História Regional e Local e mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador Colaborador do Instituto de História Contemporânea da FCSH/NOVA, desde 2011. Investigador do Centro de Investigação em Comunicação, Informação e Cultura Digital – CIC.Digital da FCSH/NOVA, desde 2017. Assessor da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa. Autor de vários estudos, capítulos, artigos, ensaios, subsídios, recensões críticas e verbetes publicados em livros, actas, dicionários, catálogos

e revistas de história, jornalismo e comunicação social. Interesse-me sobretudo pela História das Mentalidades e das Ideias, História Política Contemporânea, História do Jornalismo, da Imprensa Periódica e da Censura Portuguesas. Publiquei nos últimos 5 anos (2013 a 2017), entre outros estudos, o capítulo “A Imprensa na I República Portuguesa: constantes e linhas de força (1910-1926)”, in *Uma História da Imprensa Lusófona*. Vol. II. Lisboa: Editora Media XXI, 2017, pp. 233-309; vários verbetes sobre história do jornalismo e diversos géneros de imprensa periódica para o *Dicionário de História de Portugal. O 25 de Abril* (Coord. de António Reis, Maria Inácia Rezola e Paula Borges Santos). 8 Volumes. Porto: Editora Figueirinhas, 2016; o artigo “A I Guerra Mundial na Imprensa Humorística Portuguesa (1914-1918): uma aproximação histórica ao problema”, in *Jornalismo & Jornalistas*. Lisboa: n.º 60 Abr/Set 2015, pp. 52-68; o capítulo “The Press in the First Portuguese Republic: Constants and Guiding Principles (1910-1926)”, in *A History of the Press in the Portuguese – Speaking Countries*. Porto: Editora Media XXI, 2014, pp. 179-260; o ensaio histórico, em coautoria com Rita Correa, “Jornalismo e Revolução: os anos de 1974 a 1976”, in *25 de Abril. Os Dias da Revolução na Imprensa Portuguesa*. Lisboa: CML – Pelouro da Cultura – Hemeroteca Municipal de Lisboa, 2014, pp. 4-33; os verbetes “Almanaques e Revistas” e “Imprensa Humorística” para o *Dicionário de História da I República e do Republicanismo* (Coord. geral de Maria Fernanda Rollo). 3 Volumes. Lisboa: Edição da Assembleia da República, 2013 e 2014; o artigo “Rodrigues Sampaio no lápis de Bordalo Pinheiro...”, in *Jornalismo & Jornalistas*. Lisboa: n.º 56 Out/Dez 2013, pp. 46-64; *idem*, “Da Imprensa Libertária Portuguesa: o caso da revista *Nova Silva*”, in *Jornalismo & Jornalistas*. Lisboa: n.º 54 Abr/Jun 2013, pp. 54-64. Passado: fui Coordenador da Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML) de 2004 a 2013. Assessor do Gabinete do Pelouro da Cultura da CML, de 2014 a 2016. Coordenador científico dos conteúdos históricos produzidos para Hemeroteca Digital – a biblioteca digital da HML, de 2005 a 2013. Investigador do Centro de Investigação Média e Jornalismo (CIMJ), de 2010 a 2017, colaborando regularmente na revista *Média & Jornalismo*. Docente na Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica Portuguesa, de 1995 a 2005, onde lecionei as disciplinas de História Económica e História do Pensamento Económico. Professor convidado no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, de 1999 a 2001, onde lecionei a cadeira de História Contemporânea de Portugal. Professor no Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa, no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Documentação, onde lecionei a cadeira de Gestão de Serviços de Informação, de 2009 a 2011. Coordenador do Gabinete de Estudos Olisiponenses, de 2005 a 2007 | Coordenador do Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais de Lisboa do Centenário da República, de 2008 a 2011. Autor de vários estudos, capítulos, artigos, ensaios, subsídios, recensões críticas e verbetes sobre História Política Contemporânea, História do Jornalismo, da Imprensa Periódica e da Censura Portuguesas, publicados em diversos livros, actas, dicionários, catálogos e revistas de ciências sociais e humanas, entre 1994 e 2012. Futuro: não existe, porque é sempre presente.

\*

**Título:** «As revistas como fontes históricas. Problemas e respostas», por Luís Andrade;

**Sinopse:** a circunstância de as revistas terem ocupado um papel central na produção, na circulação e na definição das correntes de pensamento e de sensibilidade do século XX converteu este tipo de periódicos em fontes primordiais da história cultural. A índole

libertadora atribuída aos novos ideários, o sentimento de responsabilidade imputado aos intelectuais, o culto da modernidade, o desenvolvimento das artes gráficas e o alargamento dos públicos letrados conjugaram-se para que a imprensa vocacionada para rever os dias se tornasse o espaço contemporâneo da produção e da intervenção doutrinária, literária e artística. Ora, a quantidade dos títulos publicados, a extensão de algumas das suas colecções, a variedade de autores e de géneros, entre muitos outros aspectos, tornam as revistas matéria de estudo ingrata, com consulta demorada e apreensão global difícil. A leitura da historiografia cultural deixa-o vislumbrar, em narrativas que se caracterizam ou por uma natureza parcial ou pela generalização de teses tidas por programáticas. Coloca-se, pois, a questão de saber como superar o conflito implícito entre as massas de informação extensas e complexas das revistas e a viabilidade de as compulsar de modo a aceder à globalidade dos sentidos que atravessam o seu teor. Por outras palavras, como criar condições radicalmente novas para a investigação que permitam não só dispor das colecções integrais e do mapeamento das autorias e dos conteúdos, mas também criar novos instrumentos heurísticos e hermenêuticos? É a esta questão que o Portal *Revistas de Ideias e Cultura* ([www.ric.slhi.pt](http://www.ric.slhi.pt)) procura dar resposta, ao conjugar o saber da história intelectual com as ciências da informação, a análise estatística e a programação informática. O objectivo não se limita a facultar as fontes nas condições proporcionadas pelo desenvolvimento informático. Vai mais longe, ao aspirar transformar as metodologias e os modelos da historiografia da cultura.

**Síntese Curricular:** Luís Andrade, doutor em História e Teoria das Ideias, professor de Filosofia na FCSH, coordenador do Grupo de Pensamento Moderno e Contemporâneo do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e coordenador do Seminário Livre de História das Ideias. Entre os estudos que publicou, contam-se *Sol Nascente. Da cultura republicana e anarquista ao neo-realismo* (Porto, Campo das Letras, 2003) e *Intelectuais, Utopia e Comunismo. A inscrição do marxismo na cultura portuguesa* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010). Dirige a Colecção *Revistas de Ideias e Cultura*.

\*

## COMUNICAÇÕES

### Sessão 1

**Título:** «História Contemporânea e imprensa periódica – informação e representação», por Conceição Meireles Pereira;

**Sinopse:** a investigação em História Contemporânea está intimamente articulada com a imprensa periódica, nas suas diversas tipologias, desde a imprensa generalista à imprensa especializada. A imprensa periódica apresenta-se na dupla qualidade de objecto de estudo, aliás com vasto terreno a desbravar no âmbito da historiografia portuguesa, e como fonte histórica, imprescindível na grande maioria dos estudos de História Contemporânea, em praticamente todas as temáticas. Em ambos os casos, configura-se gratificante, suscetível de contribuir para a compreensão de numerosos fenómenos históricos. Contudo, o investigador confronta-se com uma série de constrangimentos, não raras vezes de difícil resolução. Entre eles, coloca-se, à partida, a questão da conservação e acessibilidade dos espólios hemerográficos. Mas o grande desafio na investigação em imprensa periódica incide na correta interpretação das suas representações – fugindo ao

literal – facto que requer, desde logo, a seleção de metodologias adequadas ao objeto de análise (frequentemente múltiplas e confusas), a perceção de universos referenciais, não negligenciando que, muitas vezes, além do texto, a imagem e grafismo devem ser também considerados.

**Síntese Curricular:** Conceição Meireles Pereira. Professora associada com agregação do Departamento de História e Estudos Políticos Internacionais na FLUP, na área de História Contemporânea (Cultural e Política).

\*

**Título:** «Olhares suíços sobre Portugal no *Mercure suisse ou Journal helvétique* (1732-1782): mitologia, heroísmo e decadência», por Hélder Mendes Baião;

**Síntese:** existem escassas referências a Portugal nas revistas suíças. Esta realidade era mais visível ainda no século XVIII, uma vez que a única revista de carácter “nacional” o *Mercure suisse ou Journal helvétique* (1732-1782) ocupava quase todo o espaço mediático na parte francófona da Suíça. A minha intervenção incide sobre a “imagem” da história de Portugal que oferece este periódico mensal. É possível constatar que os pensadores helvéticos partilhavam então as mesmas ideias que os historiadores franceses, aos quais eles recorriam, mas também que o olhar que desenvolveram sobre Portugal foi muito influenciado pelos temas que ocupavam nessa época o debate político e filosófico. A partir do século XVIII instalou-se nas consciências europeias a concepção de uma cultura portuguesa que não usava as novas categorias racionalistas para compreender e interpretar o mundo. Veremos que esse aspecto, mesmo se unicamente observado no contexto suíço, antecipou a visão negativa do século XIX, no qual Portugal aparecia como incapaz de assumir a sua missão “civilizadora” em África. Mesmo se situado geograficamente na Europa, Portugal *era visto* como um país *exótico*.

---

5

**Síntese Curricular:** Hélder Mendes Baião doutorou-se em História na Universidade de Lausanne (Suíça) com um trabalho intitulado *Rêves de citoyens. Mythes et utopies dans les pays romands au temps des Lumières* (2015), projecto dedicado à reflexão utópica nos romances suíços francófonos do século XVIII. Durante o ano académico 2015-2016 trabalhou como *Research Fellow* na Universidade de Durham, em colaboração com o Doutor Thomas Wynn, na edição de dois volumes das obras completas de Voltaire publicadas pela Voltaire Foundation. Desde Fevereiro de 2017, está a desenvolver na Universidade do Porto, sob orientação a Professora Doutora Maria Luísa Malato Borralho, um projeto de pós-doutoramento centrado na imagem de Portugal nas letras francesas do século XVIII.

\*

**Título:** «Revisitações Historiográficas em torno de *O Panorama* (1837-1868)», por Eurico Gomes Dias;

**Síntese:** os estudos medievais na imprensa periódica literária de Oitocentos tiveram uma forte expressão em *O Panorama* [1837-1868], passível de ser considerado um dos maiores vultos periódicos em Portugal. Deve-se a Alexandre Herculano, o primeiro redactor de *O Panorama*, o esmero de um trabalho de documentação e divulgação rigoroso, tendo em vista uma análise do protagonismo das instituições na evolução do

país, em detrimento de personalidades isoladas como reis ou grandes senhores nobres e eclesiásticos, refutando-se alguns dos mitos da História nacional e internacional medieval, como se pode constatar da sua leitura. Por outro lado, *O Panorama* permitiu-lhe uma primeira base estrutural para a divulgação dos seus trabalhos historiográficos, abrindo caminho para uma profícua carreira.

**Síntese Curricular:** Eurico José Gomes Dias [Torres Novas, 1976]: Bacharel e Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração [Santarém]. Pós-Graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-Graduado e Mestre em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde defendeu o Doutoramento, o Pós-Doutoramento e as Provas de Agregação em História. Foi Bolseiro de Doutoramento e Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Presentemente, é Professor Auxiliar com Agregação no ISCP SI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa], sendo Investigador integrado do IC POL – Centro de Investigação do mesmo Instituto. Académico Correspondente na APH – Academia Portuguesa da História e Académico Correspondente no IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Investigador colaborador no CEPESE [Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade – Porto], no CHSC [Centro de História da Sociedade e Cultura/FLUC], no CIJVS [Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Santarém], no CIDIUM-IUM [Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar], no IEM [Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL], assim como noutros organismos científicos e culturais. Auditor do Curso de Política Externa Nacional 2005/2006 [Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros] e Auditor do Curso de Defesa Nacional 2009/2010 [Instituto da Defesa Nacional/Ministério da Defesa]. Autor e coordenador de várias obras, duas das quais galardoadas com «Menções Honrosas» no Prémio Grémio Literário 2010 e 2012, entre numerosos artigos científicos e literários.

\*

**Título:** «As Revistas como problemática historiográfica: A *Revista de História* (1912-1928)», por Ricardo de Brito e Nuno Bessa Moreira;

**Sinopse:** As Revistas constituem temática que alimenta a curiosidade científica, desde logo pelo duplo estatuto do qual podem ser portadoras. Por um lado, configuram instrumentos de pesquisa de assuntos diversos e, por outro, materializam objectos de estudo autónimos. Na actualidade, esta segunda vertente tem vindo a ser crescentemente alvo de estudo nas suas diversas dimensões, desde a análise dos trajectos de fundadores e colaboradores até aos aspectos gráficos e editoriais. Nesta comunicação, procede-se a uma revisão bibliográfica, na primeira parte, revistando contributos teórico-metodológicos. Na segunda parte sintetiza-se um estudo de caso sobre a *Revista de História*, dirigida por Fidelino de Figueiredo.

**Síntese Curricular.** Ricardo de Brito é Licenciado e Mestre em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2009,2012), encontra-se neste momento a desenvolver a tese de doutoramento (2012-), no PIUDHist, em que aborda, com uma análise comparativa, o conceito de revolução em Portugal e Espanha no século XIX. Os seus interesses de investigação, cujos resultados têm sido apresentados em publicações e

encontros científicos (nacionais e internacionais), gravitam sobre história política, dos conceitos e da história da historiografia.

**Síntese Curricular:** Nuno Bessa Moreira nasceu no Porto em 1976. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1999. Concluiu o mestrado em História Moderna, com uma tese sobre o Cardeal D. Henrique (1539-1578), em 2004. Em Fevereiro de 2013 prestou provas públicas de Doutoramento em História, sob a orientação do Professor Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, incidente sobre a *Revista de História* (1912/1928), periódico dirigido por Fidelino de Figueiredo. Concluiu, em 2016, o Curso de Defesa Nacional, tendo defendido o trabalho de investigação final em provas públicas.

\*

## Sessão 2

**Título:** «Reflexões sobre o Centenário da Revolução Russa de 1917 em revistas: representações, (des)memória e hegemonia», por Paulo Oisiovici;

**Síntese:** A comunicação se constitui num breve estudo crítico das representações, usos da (des)memória e hegemonia, na edição especial sobre o Centenário da Revolução Russa de 1917 na revista *VISÃO História*, de Setembro de 2017, à luz das contribuições de Pierre Nora, Jacques Le Goff, Enzo Traverso, Fernando Rosas, Luciana Soutelo, António Damásio, Marc Ferro, Ignacio Ramonet, Elleinstein, Moscovici, Paulo J. A. Guinote, Jörn Rüsen, Lilly Marcou, Mário Machaqueiro, Luís Alberto Alves, Manuel Loff, Marc Bloch, Anna Louise Strong, Ana Lima Kallás, Habermas, Paul Ricoeur, de historiadores russos como N. Vyghbin, Karpov, Wolkogonov, Pyhalov, Murat Karaketov e dados dos arquivos estatais russos, dentre outros.

**Síntese Curricular:** Paulo Oisiovici é mestrando em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Publicou artigos sobre o líder comunista camponês, Wilson Martins Furtado, na obra organizada por Everaldo Augusto, "Wilson Furtado: vida e obra, publicada pela Assembleia Legislativa da Bahia, no Brasil; ex-membro da redacção do jornal *Tribuna da Luta Operária*; fundador do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Correntina-BA; ex-militante do Partido Comunista do Brasil no período de 1976 a 1985.

\*

**Título:** «As representações historiográficas da Diplomacia Medieval na *Revista da Faculdade de Letras (série de História)*: 1970-2017», por Duarte M. M. de Babo Marinho;

**Síntese:** os estudos referentes à Diplomacia Medieval constituem na actualidade um dos principais domínios do medievismo, tanto a nível nacional como internacional. Desta forma, o trabalho que irei apresentar trata-se de um recente e exaustivo levantamento de artigos relacionados com a Diplomacia Medieval publicados na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Série de História)*, entre 1970 e 2017. No entanto, convém referir que este arrolamento tem como antecedente o capítulo da revisão

bibliográfica da minha tese de doutoramento, intitulada *Os embaixadores portugueses nos reinos ibéricos (1431-1474): um estudo sociodemográfico*.

**Síntese Curricular:** Duarte M. M. de Babo Marinho é mestre em História Medieval e do Renascimento (FLUP, 2013), Doutor em História (FLUP, 2017) e investigador do CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade) e do CIJVS (Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão). Tem na Diplomacia, Espionagem, Elites e Heráldica medieval as suas principais áreas de interesse.

**Síntese Curricular:** João Torres Lima é licenciado em História (2009) e mestre em História Contemporânea (2012) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É colaborador do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço, Memória”). Anteriormente exerceu a sua actividade profissional, durante cerca de 40 anos, em diversas empresas, em especial na área da publicidade, como desenhador e, no sector têxtil, como controlador de qualidade.

Obras publicadas: *MOJAF – Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (1963-1970)*, 2013 e *De Leiria à Gabela. Memórias de um soldado da Guerra Colonial (1961-1974)*, Edições Afrontamento [Porto].